

O BRINCAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA: FUNDAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

PLAY IN EARLY CHILDHOOD: A FOUNDATION FOR INTEGRAL DEVELOPMENT



DIRCE DAIANE CUNHA NAZAR

Graduação em Pedagogia pela UNIP (2007); Graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de boa Ventura – FAFIBE (2019); Pós-graduada em Psicomotricidade e Desenvolvimento Humano pelo Centro Universitário Cidade Verde UNICV (2019); Pós-graduada em Gestão Escolar pela Faculdade de Educação São Luís (2021); Professora de Educação Infantil no CEI Parque Edu Chaves, na Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

O presente artigo discute o brincar na primeira infância como elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança, abordando suas dimensões simbólica, sensorial e motora. O brincar é entendido como um direito e um meio de aprendizagem significativo, que promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Entretanto, observa-se, na contemporaneidade, a redução das oportunidades de brincadeiras livres, substituídas por rotinas adultas e pelo uso excessivo de telas. Nesse contexto, torna-se fundamental refletir sobre práticas pedagógicas que valorizem o brincar no ambiente da creche, compreendendo-o como instrumento de formação integral. O estudo fundamenta-se em autores como Vygotsky (1998), Piaget (1978), Kishimoto (2010), Winnicott (1975) e Brougère (1998), que reconhecem o brincar como linguagem fundamental da infância e forma privilegiada de interação e aprendizagem.

Palavras-chave: Brincar; Primeira infância; Desenvolvimento integral; Educação infantil; Ludicidade.

ABSTRACT

This article discusses play in early childhood as an essential element for a child's comprehensive development, addressing its symbolic, sensory, and motor dimensions. Play is understood as a right and a significant means of learning, promoting cognitive, emotional, and social development. However, in contemporary times, opportunities for free play are decreasing, replaced by adult routines and excessive screen time. In this context, it is essential to reflect on pedagogical practices that value play in the daycare environment, understanding it as a tool for comprehensive development. The study is based on authors such as Vygotsky (1998), Piaget (1978), Kishimoto (2010), Winnicott (1975), and Brougère (1998), who recognize play as a fundamental language of childhood and a privileged form of interaction and learning.

Keywords: Play; Early childhood; Comprehensive development; Early childhood education; Playfulness.

INTRODUÇÃO

A infância é uma fase de intensas descobertas e transformações, marcada pela curiosidade e pela necessidade de interação com o mundo. Nesse cenário, o brincar ocupa papel central, sendo mais do que um simples passatempo: é uma forma de expressão, de comunicação e de elaboração de experiências. Através das brincadeiras, a criança explora o ambiente, desenvolve habilidades cognitivas e emocionais e aprende a conviver socialmente.

Segundo Kishimoto (2010, p. 35), “brincar é uma forma de a criança compreender o mundo e atribuir sentido às suas vivências”. Desse modo, a brincadeira torna-se uma linguagem própria da infância, que deve ser respeitada e valorizada nos espaços educativos. No entanto, a vida moderna e as mudanças sociais vêm reduzindo o tempo e o espaço dedicados ao brincar, o que traz consequências significativas para o desenvolvimento infantil.

Este artigo tem como objetivo discutir o brincar na primeira infância como fundamento para o desenvolvimento integral, analisando: o papel do brincar simbólico, sensorial e motor no desenvolvimento cognitivo e emocional; as consequências da falta de brincadeiras na formação da criança; e as práticas pedagógicas que favorecem o brincar no cotidiano da creche.

O PAPEL DO BRINCAR SIMBÓLICO, SENSORIAL E MOTOR NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL

O brincar é uma das atividades mais significativas da infância, pois representa uma forma de expressão e de construção do conhecimento. Por meio dele, a criança recria o mundo, atribui significados às experiências e desenvolve habilidades cognitivas e emocionais. Conforme destaca Kishimoto (2010), o brincar não deve ser entendido apenas como diversão, mas como uma prática cultural que permite à criança compreender e reinterpretar a realidade social na qual está inserida.

Para Vygotsky (1998), o brincar é uma atividade essencial no desenvolvimento humano, pois possibilita que a criança aja em um campo de significados simbólicos e não apenas diante de objetos concretos. Segundo o autor, é no faz de conta que a criança exerce sua capacidade de imaginar, planejar e resolver problemas, o que contribui diretamente para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Em suas palavras:

“No brinquedo, a criança cria uma situação imaginária. Essa situação contém regras de comportamento e, ao agir de acordo com essas regras, a criança aprende a se auto dominar, a subordinar seus impulsos imediatos a um modelo socialmente aceito de conduta” (VYGOTSKY, 1998, p. 122).

Esse aspecto simbólico do brincar é fundamental para a formação da consciência e da autonomia infantil, pois permite à criança experimentar papéis e compreender as normas sociais de forma lúdica e significativa. Piaget (1978) também ressalta que o jogo simbólico constitui um espaço de construção do pensamento, no qual a criança “assimila a realidade ao eu”, transformando o mundo conforme sua imaginação e suas necessidades. Assim, o brincar simbólico é um meio de equilíbrio entre o real e o imaginário, essencial para o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Além do aspecto simbólico, o brincar sensorial e motor tem papel determinante na formação da inteligência e da coordenação corporal. Wallon (2007) argumenta que o desenvolvimento da criança é inicialmente dominado pelo movimento e pela emoção, sendo o corpo o primeiro instrumento de conhecimento. Nesse sentido, atividades que envolvem o toque, o som, o ritmo e o movimento permitem que a criança construa noções espaciais, temporais e de causalidade.

“É através da ação e da emoção que a criança começa a compreender o mundo. O gesto, antes de ser instrumento de comunicação, é meio de construção do pensamento” (WALLON, 2007, p. 64).

Esse contato com o mundo sensorial favorece não apenas o desenvolvimento físico, mas também a estruturação do pensamento e a regulação emocional. Brincadeiras que envolvem explorar texturas, manipular objetos e interagir com o ambiente estimulam a curiosidade e a capacidade de observação.

Winnicott (1975) complementa essa perspectiva ao afirmar que o brincar é um espaço potencial de criação e autoconhecimento. O autor enfatiza que, no ato de brincar, a criança manifesta sua subjetividade e encontra um território seguro entre o mundo interno e o externo.

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto podem ser criativos e utilizar a totalidade de sua personalidade, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu” (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Dessa forma, o brincar simbólico, sensorial e motor deve ser compreendido como um processo integrado que articula emoção, cognição e ação. Por meio dessas experiências, a criança desenvolve a atenção, a imaginação, a empatia e a capacidade de resolver problemas. Kishimoto (2010) reforça que o brincar possibilita à criança construir aprendizagens significativas, pois envolve prazer, desafio e interação social.

“O brincar é uma atividade que integra múltiplas dimensões do desenvolvimento: o corpo, a emoção, o pensamento e a cultura. Brincando, a criança aprende a ser e a conviver” (KISHIMOTO, 2010, p. 47).

Portanto, o brincar é um campo de experiência que favorece o desenvolvimento integral da criança. Ele une o simbólico ao motor e o sensorial ao afetivo, configurando-se como prática indispensável à educação infantil. Valorizar o brincar é reconhecer a infância como um tempo próprio de aprender, sentir e imaginar, condição fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional pleno.

COMO A FALTA DE BRINCADEIRAS PREJUDICA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A infância contemporânea tem passado por profundas transformações que afetam diretamente a forma como as crianças brincam e se relacionam com o mundo. A rotina acelerada das famílias, o avanço das tecnologias e a crescente valorização de atividades dirigidas têm reduzido o tempo destinado ao brincar espontâneo. Essa ausência, muitas vezes imperceptível aos adultos, traz impactos significativos ao desenvolvimento infantil, comprometendo dimensões cognitivas, emocionais e sociais.

De acordo com Brougère (1998), o brincar é uma construção cultural e social que envolve significados, regras e trocas simbólicas. Quando a criança é privada desse processo, perde oportunidades de desenvolver a imaginação, a criatividade e a empatia. Como afirma o autor:

“A brincadeira é uma atividade de expressão e de comunicação que se fundamenta na cultura. Privar a criança da experiência lúdica é limitar suas possibilidades de compreender o mundo e de expressar-se dentro dele” (BROUGÈRE, 1998, p. 42).

A ausência de brincadeiras livres também restringe a autonomia da criança e sua capacidade de resolver problemas. Segundo Kishimoto (2010), o brincar é um meio de desenvolver a função simbólica, o raciocínio lógico e a capacidade de abstração. Quando substituído por estímulos passivos — como o uso excessivo de telas — o processo de aprendizagem torna-se empobrecido, pois a criança passa a receber informações prontas, sem exercitar a imaginação e o pensamento criativo.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2021) alerta que o tempo de exposição a telas digitais entre crianças pequenas tem aumentado de forma preocupante. O uso precoce desses dispositivos pode causar prejuízos à linguagem, ao sono e à interação social, além de reduzir a capacidade de atenção e o interesse por atividades motoras e simbólicas.

“Crianças menores de dois anos não devem ser expostas a telas, e, para as maiores, o tempo deve ser controlado e supervisionado, pois o uso excessivo compromete o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social” (SBP, 2021, p. 15).

Esses efeitos são potencializados quando a rotina infantil é excessivamente preenchida por atividades formais e adultas. Muitas vezes, a infância é invadida por uma lógica produtivista, na qual o brincar é visto como perda de tempo. Conforme destaca Winnicott (1975), a falta de espaço para a brincadeira prejudica a constituição emocional e o equilíbrio psíquico da criança, pois ela deixa de experimentar o prazer da criação e da espontaneidade.

“Quando a criança é impedida de brincar, algo de vital importância se perde. O brincar é uma experiência viva, que conecta o ser humano à sua realidade interna e externa. Sua ausência empobrece o self e limita o desenvolvimento da personalidade” (WINNICOTT, 1975, p. 88).

Além das consequências emocionais, a ausência do brincar interfere diretamente na construção do pensamento e na socialização. Vygotsky (1998) explica que a aprendizagem significativa ocorre por meio da interação social e da mediação cultural. Ao brincar, a criança exercita papéis, aprende a negociar e a cooperar, desenvolvendo valores de convivência e respeito. Quando essa oportunidade é suprimida, ela se torna mais passiva e dependente de estímulos externos, o que enfraquece seu desenvolvimento autônomo.

“No brinquedo, a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, imaginária, e é essa experiência que prepara o caminho para o pensamento abstrato” (VYGOTSKY, 1998, p. 124).

A falta de brincadeiras também afeta a criatividade e a capacidade de adaptação a situações novas. O brincar, segundo Kishimoto (2010), é um campo de experimentação e erro, onde a criança aprende a testar hipóteses e a lidar com frustrações. Quando privada dessa vivência, torna-se menos resiliente e menos inventiva diante dos desafios do cotidiano.

Brougère (1998) acrescenta que o brincar não é apenas uma atividade individual, mas uma forma de inserção social e de transmissão cultural. Sua ausência pode gerar empobrecimento simbólico e dificuldade de compreender as regras da vida em grupo. A criança que não brinca tende a apresentar dificuldades de comunicação e de empatia, pois o brincar é o primeiro espaço de negociação de significados e de convivência com o outro.

Portanto, a falta de brincadeiras na primeira infância — seja pela substituição por telas, seja pela imposição de rotinas adultas — compromete o desenvolvimento integral da criança. O brincar é um direito previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e deve ser garantido como parte fundamental da formação humana. Sem ele, a infância perde sua essência, e o processo de aprendizagem torna-se fragmentado e superficial.

Como conclui Winnicott (1975, p. 93):

“O brincar é uma ponte entre o mundo interno e o externo. Quando essa ponte se rompe, a criança perde o contato com sua espontaneidade e com sua capacidade de criar.”

Dessa maneira, garantir o brincar é garantir não apenas o direito de ser criança, mas também o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE FAVORECEM O BRINCAR NO COTIDIANO DA CRECHE

Garantir o brincar como parte do cotidiano na creche é reconhecer a infância como tempo de descoberta, criação e experimentação. O ambiente educativo deve ser planejado para acolher a ludicidade como eixo estruturante do processo de aprendizagem e desenvolvimento. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) estabelece o “direito de brincar” como um dos fundamentos da Educação Infantil, compreendendo-o como prática que promove o desenvolvimento integral e a interação com o mundo social e cultural.

Para que o brincar cumpra seu papel pedagógico, é necessário que o educador compreenda sua importância e atue como mediador das experiências lúdicas. De acordo com Oliveira (2011), o professor deve estar atento às manifestações da criança durante o brincar, pois é nesse espaço simbólico que ela revela seus modos de pensar, sentir e agir. Assim, o papel do educador é favorecer o surgimento de situações que ampliem a imaginação, a comunicação e a autonomia.

“A mediação do educador no brincar não significa conduzir a atividade, mas possibilitar que a criança explore o ambiente, descubra suas potencialidades e construa significados próprios a partir da interação com os outros” (OLIVEIRA, 2011, p. 72).

Essa postura implica uma mudança de olhar: o professor deixa de ser o centro do processo e passa a ser um parceiro na construção do conhecimento, reconhecendo a criança como sujeito ativo e criador. Vygotsky (1998) afirma que a aprendizagem ocorre na zona de desenvolvimento proximal, ou seja, no espaço entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que pode realizar com ajuda de um adulto ou de seus pares. Assim, o brincar na creche torna-se um poderoso instrumento de mediação cultural e social.

“O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de ocorrer” (VYGOTSKY, 1998, p. 104).

Nesse sentido, a creche deve ser um espaço de experimentação, onde as brincadeiras — livres ou orientadas — ocorram em ambientes ricos e desafiadores. Kishimoto (2010) destaca que a organização do espaço físico e dos materiais influencia diretamente a qualidade das experiências lúdicas. Ambientes amplos, arejados e flexíveis, com brinquedos diversos e acessíveis, favorecem a autonomia, a cooperação e a criatividade infantil.

“O brinquedo é um objeto de cultura e, ao mesmo tempo, um mediador da relação entre a criança e o mundo. Quando a escola valoriza o brincar, permite que o saber cultural seja apropriado de forma prazerosa e significativa” (KISHIMOTO, 2010, p. 53).

As práticas pedagógicas que estimulam o brincar devem contemplar diferentes linguagens — corporal, artística, musical e verbal —, permitindo que a criança expresse sua visão de mundo. Para Brougère (1998), o brincar é uma forma de diálogo simbólico entre o educador e a criança, na qual ambos compartilham sentidos e constroem uma cultura comum. O professor deve, portanto, observar, registrar e refletir sobre as brincadeiras, integrando-as às demais experiências educativas.

“Brincar é também aprender a viver em sociedade. Ao observar o brincar, o educador tem acesso à forma como a criança compreende as regras, os papéis e as relações sociais” (BROUGÈRE, 1998, p. 76).

Além do ambiente e da mediação docente, é fundamental que o planejamento pedagógico valorize o tempo e o espaço do brincar. A rotina na creche deve incluir momentos destinados ao jogo livre, às brincadeiras simbólicas e às atividades de exploração sensorial e motora. Segundo Winnicott (1975), o brincar é um “espaço potencial” que permite à criança transitar entre a realidade interna e a externa, encontrando equilíbrio emocional e desenvolvendo a criatividade.

“O brincar é essencial à saúde, pois é através dele que a criança se relaciona com o mundo e com as pessoas, e é nesse espaço que ela experimenta a liberdade de ser e de criar” (WINNICOTT, 1975, p. 94).

A BNCC (BRASIL, 2017) reforça que as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem ser fundamentadas em experiências que integrem “interações e brincadeiras”, as quais possibilitam que as crianças aprendam por meio da curiosidade, da investigação e da expressão de sentimentos. Assim, o brincar deixa de ser visto como simples recreação e passa a ocupar o centro do processo educativo, articulando corpo, mente e emoção.

“As interações e brincadeiras são eixos estruturantes das práticas pedagógicas na Educação Infantil, pois constituem-se como formas de as crianças conhecerem a si mesmas, aos outros e ao mundo” (BRASIL, 2017, p. 36).

Em síntese, favorecer o brincar na creche significa garantir que o ambiente educativo seja inclusivo, afetivo e desafiador. Cabe ao educador valorizar a espontaneidade da criança, planejar propostas lúdicas que respeitem sua curiosidade e assegurar que o tempo do brincar seja vivido com liberdade e significado. Quando a creche reconhece o brincar como fundamento pedagógico, contribui para a formação de sujeitos criativos, críticos e emocionalmente equilibrados.

Como sintetiza Kishimoto (2010, p. 61):

“Educar brincando é possibilitar à criança viver a infância em sua plenitude, aprendendo com prazer, construindo saberes e desenvolvendo sua humanidade.”

Portanto, as práticas pedagógicas que favorecem o brincar no cotidiano da creche não apenas promovem aprendizagens cognitivas, mas também fortalecem os vínculos afetivos, a identidade e a autonomia infantil — pilares indispensáveis para o desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o brincar na primeira infância é, sobretudo, reconhecer a infância como uma fase única e essencial na formação do ser humano. O brincar, longe de ser um simples passatempo, é uma atividade estruturante que favorece o desenvolvimento integral, unindo o cognitivo, o emocional, o motor e o social. Ao brincar, a criança elabora suas experiências, expressa sentimentos, experimenta papéis sociais e constrói sua própria compreensão de mundo. Assim, o brincar constitui-se como um direito fundamental e uma necessidade vital para o crescimento saudável.

Vygotsky (1998) destaca que a brincadeira é uma forma de aprendizagem profundamente significativa, pois envolve a criação de situações imaginárias e a internalização de regras sociais, permitindo que a criança atue em um plano simbólico que antecede o pensamento abstrato. O autor ressalta que “no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, acima de seu comportamento diário” (VYGOTSKY, 1998, p. 128), evidenciando que o brincar impulsiona o desenvolvimento para além das capacidades imediatas.

De modo complementar, Piaget (1978) observa que o jogo é o espaço no qual a criança assimila a realidade e constrói seus próprios esquemas mentais, desenvolvendo a autonomia e a criatividade. Já para Winnicott (1975), o brincar é uma experiência que conecta o mundo interno e externo da criança, possibilitando o surgimento da espontaneidade e do sentimento de continuidade do ser.

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto podem ser criativos e utilizar a totalidade da sua personalidade, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu” (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Essas perspectivas convergem ao reconhecer o brincar como elemento constitutivo da formação humana. Entretanto, na sociedade contemporânea, marcada pelo avanço tecnológico e pela aceleração das rotinas, o tempo e o espaço do brincar vêm sendo reduzidos. A substituição das brincadeiras livres por atividades estruturadas ou pelo uso excessivo de telas compromete o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2021) alerta que o uso precoce e descontrolado de dispositivos digitais pode causar prejuízos à linguagem, ao sono, à atenção e às interações interpessoais.

Nesse contexto, torna-se urgente resgatar o brincar como prática educativa e cultural. As creches e pré-escolas assumem papel essencial na promoção de experiências lúdicas que valorizem a curiosidade, a imaginação e a expressão simbólica. O educador, como mediador desse processo, deve reconhecer o brincar como eixo norteador do currículo e não como atividade secundária. Kishimoto (2010) reforça que o brinquedo é um “objeto de cultura” que articula o prazer e o conhecimento, sendo por meio dele que a criança constrói saberes sobre o mundo e sobre si mesma.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) estabelece o direito de brincar como um dos pilares da Educação Infantil, reconhecendo que as interações e as brincadeiras são eixos estruturantes das práticas pedagógicas. Assim, o compromisso das instituições educativas deve ser o de garantir tempos, espaços e materiais que favoreçam o brincar livre e criativo, promovendo o desenvolvimento integral em suas múltiplas dimensões.

Em síntese, o brincar é um ato de resistência à adultização precoce da infância e uma afirmação da liberdade de ser e de aprender. Cabe aos educadores, gestores e famílias assegurar que as crianças possam vivenciar plenamente essa experiência, pois brincar é também aprender, conviver, imaginar e sentir. Como conclui Kishimoto (2010, p. 61):

“Educar brincando é possibilitar à criança viver a infância em sua plenitude, aprendendo com prazer, construindo saberes e desenvolvendo sua humanidade.”

Garantir o direito ao brincar é, portanto, garantir o direito à infância e à própria condição humana. A ludicidade, quando reconhecida como fundamento pedagógico, não apenas ensina — ela transforma, humaniza e emancipa. O brincar é, em última instância, o alicerce sobre o qual se constrói uma infância feliz, saudável e integralmente desenvolvida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2011.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). **Manual de Orientação: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**. São Paulo, 2021.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Estampa, 2007.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.